



Mulher passa por bar fechado em Paris pelo aumento de casos de Covid-19 Gao Jing - 15.out.20/Xinhua

Curva de morte descola de casos na Europa e sugere rumo no Brasil

Regiões menos afetadas pela Covid no começo agora têm mais casos; mais testagem e imunidade podem ser chave

Fernando Canzian

SÃO PAULO Mortes e hospitalizações causadas pela Covid-19 na Europa estão muito abaixo dos picos registrados nos piores momentos da pandemia, embora o número de casos continue a subir. O resultado é um descolamento agudo entre as curvas de doentes e de óbitos.

Desenha-se ainda um padrão: dentro de cada país, a maior parte dos óbitos hoje se concentra em regiões inicialmente poupadas. Nos locais que sofreram mais no começo, as mortes agora estão abaixo da média geral.

Portugal é o único país onde o aumento de hospitalizações e mortes é mais significativo. Mas Portugal foi também mais poupado no início por medidas restritivas à circulação de pessoas — quando chegou a ser apontado como exemplo a ser seguido.

Enquanto durante o seu pico a Covid chegou a matar 22 portugueses por milhão de habitantes, na Espanha os mortos somavam 120 por milhão; na Itália, 91; na França, 53.

A dinâmica portuguesa agora — assim como a evolução regional da doença dentro dos países europeus — mostra que, onde o coronavírus fez mais vítimas no início da pandemia, ele se mostra mais brande hoje. Onde matou menos parece haver espaço para avançar mais.

O fato reforça a importância e a centralidade da imunização coletiva — a chamada imunidade de rebanho — na contenção da doença.

No Brasil, onde a epidemia chegou depois, a tendência europeia pode sugerir o que vem pela frente. Pode ainda apontar como tratar a reabertura da economia e o isolamento nas áreas até agora mais ou menos afetadas.

Por causa da atual massificação de testes, muitos países já têm hoje mais casos de infecções registrados do que no pico da pandemia, ou estão próximos dele — o que tem alarmado as autoridades. A Organização Mundial da Saúde chegou a afirmar nesta quinta (15) que as mortes na Euro-

pa podem superar em cinco vezes as registradas no pico. Por ora, a projeção parece infundada. Não só pelo número atual de óbitos, bem menor, como pela aceleração das curvas de hospitalizações e mortes, menos acentuada.

Na França, os casos positivos para Covid hoje representam mais que o dobro (213%) dos registrados no pico, refletindo a massificação de testes. Mas as hospitalizações (incluindo admissões em UTIs) equivalem a 26% do total no pico. Os óbitos, a 13%, segundo dados do Instituto Estêter, que organiza informações sobre a evolução da Covid-19 por países e suas regiões com base em números oficiais.

A partir deste sábado (17), a França adotará toque de recolher por quatro semanas, de 21h a 6h, em Ile-de-France, onde fica Paris, e oito cidades.

Várias regiões da França ainda podem registrar alta importância de hospitalizações e mortes, já que o país conseguiu conter de forma significativa o número de ocorrências de maio a julho.

Nas áreas francesas menos afetadas no início, os óbitos equivalem hoje a 24% do pico; nas mais castigadas antes, 10% — ante os 13% da média geral.

A situação é semelhante na Espanha, embora o país tenha contido as ocorrências apenas de maio a junho. Enquanto as mortes totais hoje são 13% do

pico, as regiões menos atingidas no começo têm uma taxa de 22%; as que mais sofreram lá atrás, de 11%. Os novos casos representam hoje 82% do pico; e as internações, 15%.

As autoridades sanitárias espanholas indicaram recentemente as comunidades autônomas de Aragão, Castilla e León, Madrid e La Rioja, além de Ceuta, em nível de “risco máximo”, mas delegaram às autoridades locais qualquer decisão sobre confinamento.

Outros países estão em situação mais confortável, mesmo com o atual número de casos positivos se aproximando ou superando os do pico.

Na Itália e na Alemanha, as mortes por Covid não passam de 5% do total no pior momento, e as hospitalizações seguem abaixo de 20%.

Enquanto a Itália debate a necessidade de novas quarentenas, a Alemanha instituiu o fechamento de bares e restaurantes às 23h e limitou as festas familiares.

No Reino Unido, hoje com muito mais infecções (295%) que as registradas no pico, as mortes por Covid representam 6% do pior momento; as hospitalizações, 24%.

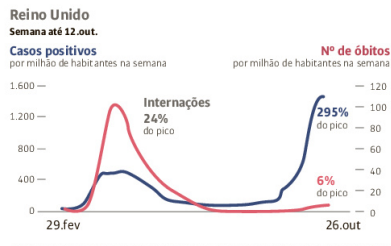
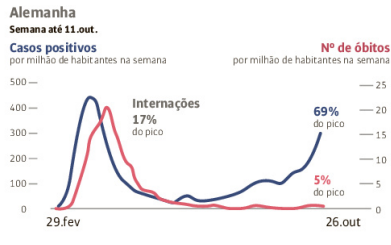
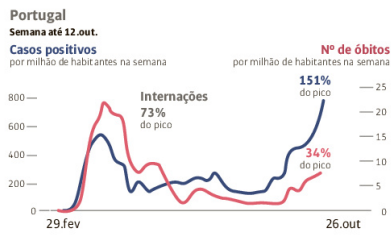
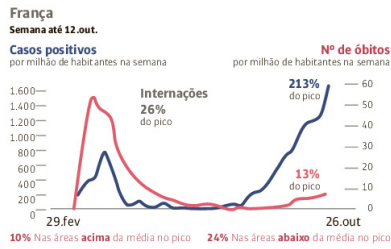
“É natural que governos tenham postura conservadora, mas os dados de hospitalizações da maioria dos países europeus até o momento não parecem demandar as medidas restritivas impostas”, afirma Périco de Souza, presidente do Instituto Estêter.

Em sua opinião, a falta de testagem no início do ano em muitos países compromete as conclusões a respeito da evolução da pandemia, diferentemente do que mostram as hospitalizações e os óbitos.

“Medida por hospitalizações, a curva pandêmica europeia tem intensidade ainda muito abaixo do ápice de abril, com cerca de 1/4 do pico, enquanto óbitos estão ao redor de 1/6 do pico”, diz Souza.

Segundo o médico português Rui Moreno, ex-presidente e membro honorário da Sociedade Europeia de Medicina Intensiva, apesar do recente aumento das mortes e hospitalizações na Europa, é possível ser “razoavelmente

Óbitos e hospitalizações não seguem alta de casos



Fontes: Alemanha (Robert Koch Institut); Reino Unido (NHS, Imperial College, FT, BBC e Office for National Statistics); Itália (DDPC, Instituto Superiore di Sanità e Ministero della Salute); França (Santé Publique France e Réseau Sentinelles); Espanha (Instituto de Salud Carlos III, mcsb.gob.es, datos.gob.es) Elaboração: Instituto Estêter

Para OMS, jovens com saúde só devem ser vacinados em 2022

Ana Estela de Sousa Pinto

BRUXELAS Jovens saudáveis podem ter que esperar até 2022 para serem vacinados contra o novo coronavírus, afirmou a OMS (Organização Mundial da Saúde) nesta quinta-feira (15).

Segundo a cientista-chefe da organização, Soumya Swaminathan, profissionais de saúde, idosos e trabalhadores que lidam com o público mais suscetíveis devem ser os primeiros a serem imunizados quando uma vacina viável estiver disponível.

“As pessoas tendem a pensar que no dia primeiro de janeiro vão tomar a vacina e tudo vai voltar ao normal. Não vai funcionar assim”, afirmou em uma sessão de respostas a perguntas do público.

Swaminathan estima que vacinas comprovadamente seguras e eficazes contra Covid-19 podem estar disponíveis no próximo ano, mas ainda não em quantidade suficiente para toda a população.

“Haverá muitas orientações saindo, mas acho que uma pessoa comum, um jovem saudável, pode ter que esperar até 2022 para receber a vacina”, disse ela.

Em entrevista recente, a OMS afirmou que pode aprovar vacinas que comprovarem 50% de eficácia na imunização contra o coronavírus. No momento, ainda não há produtos chancelados pela organização.

Mais de dez vacinas estão na fase final de experimentos clínicos, feitos para determinar se são capazes de imunizar e se não provocam efeitos colaterais graves.

Recentemente, o Sage (grupo de especialistas em imunização da OMS) publicou recomendações sobre como priorizar a distribuição de vacinas entre diferentes grupos de pessoas.

A cientista-chefe disse que, conforme forem sendo aprovadas vacinas, haverá novas orientações.

“A maioria concorda que se deve começar com profissionais de saúde e trabalhadores de linha de frente, mas é preciso definir quais deles estão em maior risco”, afirmou Swaminathan.

“Precisamos ter certeza de que vacinamos aqueles que estão em maior risco em todos os países antes de vacinarmos todos em alguns países”, afirmou o líder técnico da OMS, Maria van Kerkhove, na mesma sessão de respostas.

A OMS voltou a alertar que o fato de que as curvas de mortes por coronavírus não tenham subido tanto quanto a de novos casos, não se deve baixar a guarda contra a transmissão. “O aumento da mortalidade sempre vem algumas semanas depois do aumento dos casos”, disse Swaminathan.

Mesmo quando não provoca mortes, a infecção por coronavírus pode deixar sequelas de longo prazo, ainda não totalmente conhecidas. Há pesquisas sobre danos cardíacos, pulmonares e neurológicos e, nesta semana, o Reino Unido registrou um caso de perda irreversível de audição.

Van Kerkhove enfatizou que mesmo sem uma vacina, já há ferramentas comprovadas para impedir a disseminação do coronavírus, como usar máscaras, evitar multidões e lavar as mãos com frequência.